

# **Importância da água nas sociedades nómadas do sul do Cunene, Angola, em tempo de escassez**

**ANTÓNIO CHAMBEL** – Universidade de Évora,

Departamento de Geociências

achambel@uevora.pt

## **Resumo**

A água é essencial à vida, mas a forma como é encarada e utilizada pelos diversos povos é também diversa e em consonância com as vivências, formas de estar na vida, sua utilização e quantidades necessárias.

Os povos do sul da província do Cunene, no sul de Angola, pertencem a diversas etnias e estão divididos em várias tribos com uma língua base comum, mas, muitas vezes, com dialetos próprios, pelo que, na sua generalidade, se fazem entender.

Sendo povos que praticamente não praticam a agricultura, e que têm o seu circuito económico e interação social baseados, não na moeda do país, mas em trocas de bens, e em que o gado assume um estatuto de poder que marca praticamente todos os aspectos da sua vida, como nascimentos, casamentos ou falecimentos, a água é uma necessidade permanente principalmente para dois fins: o consumo humano e o consumo do gado. A água que utilizam é praticamente toda subterrânea, principalmente nos períodos de maior necessidade, pois apenas o rio Cunene, na fronteira com a Namíbia, é um rio permanente. Todos os outros são rios temporários e com bastantes sinais de terem regime torrencial quando chove, o que se percebe pela dimensão dos sedimentos que preenchem o leito, alguns com blocos ou seixos de grandes dimensões, sendo que os sedimentos mais finos são areias grosseiras nas zonas mais planas.

Com base neste tipo de regime hídrico, e estando todo este território praticamente sobre rochas ígneas e metamórficas fraturadas, com muito pouco solo e uma espessura de alteração muito reduzida, que não permite a escavação de poços à mão com as ferramentas muito rudimentares que

as populações possuem, as populações baseiam as suas captações, em toda a época seca, em poços escavados ou pequenas charcas, que são normalmente executados/as nas margens dos rios ou mesmo no leito seco dos mesmos, onde algum aluvião menos grosso permite a escavação. Isto implica que, aquando das cheias, durante os cerca de 3 meses de época pluviosa, uma grande parte dessas captações fique cheia de sedimentos, pelo que todos os anos voltam a escavar, ou no mesmo local (reabrir as captações), ou iniciam nova escavação noutro local próximo.

A técnica de escavação destes poços é manual, tendo os poços profundidades iniciais de 2 a 4 m, enquanto os níveis de água subterrânea estão ainda próximos da superfície, e normalmente vão sendo aprofundados apenas à medida das suas necessidades, ou seja, à medida que os níveis freáticos vão baixando ao longo da época seca. Não são, portanto, poços estruturais, com profundidades de 6 ou 10 m, com 4 ou 5 m de água dentro e que servem para qualquer altura do ano. Deste modo, em anos mais pluviosos, os poços podem ter 4 a 6 m de profundidade no final da época seca, em anos menos húmidos podem aproximar-se de profundidades máximas, no final da época seca, de 6 a 8 m, uma profundidade já muito elevada para poços escavados à mão em terrenos de tipo arenoso/siltoso, o que torna a sua execução muito perigosa. Estes poços têm geralmente apenas algumas dezenas de decímetros de água no fundo e, à medida que os níveis no aquífero vão descendo, as populações escavam mais 20 ou 30 cm de cada vez, para manterem alguma água no fundo.

No entanto, nas últimas décadas, estes povos têm vindo a sentir um rebaixamento significativo dos níveis freáticos, pelo que as captações estão cada vez mais profundas. Sem meios mecânicos para as escavações, os poços são escavados à mão pelos membros juvenis das comunidades, em condições de construção muito precárias que, nalguns casos já com cerca de uma dezena de metros de profundidade, tornando esta atividade numa ação muito perigosa, pois os poços são escavados sem ser entividados. A água, que habitualmente se encontrava, nas margens ou leitos dos rios, a 3-4 m de profundidade no final da época seca, está agora cada vez mais profunda, a 6, 8 ou mais metros de profundidade na época mais seca, fazendo com que o risco de derrocada durante a construção aumente exponencialmente.

Por outro lado, estas sociedades não vivem em aldeias tradicionais caraterísticas e fixas. Tratase de casas de madeira envolvidas por um

cercado também de madeira onde vivem famílias bastante isoladas de outras áreas construtivas idênticas (os designados quimbos). Rituais muito próprios destas sociedades levam a que estes locais habitados sejam abandonados e as casas construídas noutro lado de cada vez que há um acontecimento importante, como por exemplo o falecimento de um soba. As novas construções podem surgir a 500 ou 1000 m do local inicial. Logo, não há construções fixas num determinado local.

Deste modo, e porque as habitações não são permanentes, as captações são sempre feitas em zonas normalmente afastadas das habitações, e todas as pessoas que residem nessa área se deslocam a estes pontos para levar água para as habitações.

Mas estes são igualmente pontos onde a população leva as suas vacas para beber água. Nalguns locais, cerca de 2 a 3.000 cabeças de gado, principalmente gado vacum, dependem por vezes de um único ponto de água. Em menor quantidade, existem também rebanhos de cabras. As populações organizam-se de modo a poder usar esse ponto de água, permitindo que 800 ou 1.000 cabeças de gado possam beber água por dia, ou seja, o gado só bebe água de 2 em 2 ou de 3 em 3 dias, nos casos mais graves.

Este modo de vida leva a consequências para o ambiente que se refletem, neste território, nos seguintes termos:

- Uma grande deflorestação, para obtenção de madeira para construção e como principal tipo de combustível usado para cozinhar e para aquecimento
- Uma grande concentração de gado, o qual não permite a regeneração da floresta autóctone, delapida a vegetação rasteira e provoca uma grande compactação do solo
- Uma concentração excepcional de gado nos locais das captações de água, com pisoteio intenso e degradação muito elevada da vegetação por vezes em centenas de metros em redor das captações, onde o gado pode esperar horas pelo momento de poder aceder à captação, enquanto outras cabeças de gado bebem

Estes factos levam a consequências para as águas subterrâneas:

- A deflorestação e a compactação do solo por pisoteio leva a uma cada vez maior escorrência de águas superficiais, prejudicando os volumes de água infiltrados no aquífero
- A falta de vegetação leva igualmente a grandes taxas de erosão do solo, não permitindo a criação de um regolito suficientemente espesso para se constituir como uma base de retenção de água essencial para a infiltração
- A grande concentração de pessoas e animais leva a uma grande degradação da qualidade da água nas captações, uma vez que não há praticamente qualquer tipo de proteção da área das captações em relação a dejetos dos animais e os utensílios usados pela população para extração da água nos poços não apresenta qualquer tipo de higiene
- Com a redução da disponibilidade de água, outros problemas que foram identificadas entre a população foram:
- O aumento dos conflitos entre ou grupos populacionais ou entre grupos mais locais e populações em transumância com o seu gado, por falta de disponibilidade do recurso
- A existência de campos de deslocados, populações cujo gado faleceu devido à seca, e que são verdadeiras vítimas das alterações ambientais, nomeadamente da falta de precipitação, que se reflete na falta de água e na falta de pastos para o gado

A solução para estas populações passa no momento pela tentativa de execução de captações profundas, mas esta zona de Angola necessita claramente de uma abordagem integrada que nomeadamente reveja a concentração de gado no território e algumas práticas de desperdício de material lenhoso que está a levar ao corte e desaparecimento das florestas locais.